

*Ao povo da  
Igreja Batista Bethlehem*

*que compartilha a visão de supremacia de Deus  
e vive  
para saborear esta visão em adoração,  
fortalecê-la na educação,  
e propagá-la a todas as nações  
em nome de  
Jesus Cristo, nosso Senhor.*

Parte 1: “*A Supremacia de Deus na Pregação*”

Palestras *The Harold John Ockenga* sobre Pregação  
Gordon-Conwell Theological Seminary, 1988

Parte 2: “*Doce Soberania: A Supremacia de Deus na Pregação  
de Jonathan Edwards*”

The Billy Graham Center palestras sobre Pregação  
Wheaton College, 1984

## prefácio

Pessoas estão morrendo famintas da grandeza de Deus, mas muitas delas não fariam este diagnóstico de suas vidas perturbadas. A majestade de Deus é uma cura desconhecida. Há prescrições muito mais populares no mercado, mas o benefício de qualquer outro remédio é sumário e pouco profundo. A pregação que não contém a grandeza de Deus pode entreter por algum tempo, mas não tocará o clamor secreto da alma: “Mostra-me a sua glória!”.

Anos passados, durante a semana de oração de janeiro em nossa igreja, decidi pregar com base em Isaías 6, sobre a santidade de Deus. Resolvi, no primeiro domingo do ano, desenvolver a visão da santidade de Deus que se acha nos primeiros versos deste capítulo:

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: ‘Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória’. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.

Assim, preguei sobre a santidade de Deus e fiz o melhor que pude para expor a majestade e a glória de um Deus tão grande e santo. Não dei nem uma palavra de aplicação na vida das pessoas. A aplicação é essencial no andamento normal de uma pregação, mas naquele dia me senti guiado a fazer um teste: será que o retrato apaixonante da grandeza de Deus iria, por si só, satisfazer as necessidades do povo?

Eu não sabia que, pouco antes deste domingo, uma das famílias jovens de nossa igreja havia descoberto que seus filhos estavam sendo abusados sexualmente por um parente próximo. Era indescritivelmente traumático. Eles estavam ali, naquela manhã, escutando a mensagem. Estou curioso por saber quantos, dos que costumam nos aconselhar, a nós pastores, hoje em dia, diriam: “Pastor Piper, não vê que seu povo está ferido? Será que você não pode descer dos céus e ser mais prático? Não percebe que tipo de povo está à sua frente no domingo?” Algumas semanas mais tarde eu soube da história. O marido me levou a um lugar à parte, num domingo, após culto. “John”, disse ele, “estes têm sido os meses mais difíceis de nossas vidas. Você sabe o que me ajudou a passar por eles? A visão da grandeza da santidade de Deus, que você me deu no primeiro domingo de janeiro. Foi a rocha onde pudemos nos firmar”.

A grandeza e a glória de Deus são relevantes. Não importa se as pesquisas trazem uma lista de necessidades observadas entre as quais não se inclui a suprema grandeza do Deus soberano da graça. Esta é a necessidade mais profunda. Nosso povo está morrendo com fome de Deus.

Outra ilustração deste ponto é a maneira como a mobilização missionária está acontecendo em nossa igreja, e a maneira pela qual ela tem acontecido vez após vez através da história. A juventude de hoje não fica entusiasmada com denominações e organizações eclesiais. Os jovens se entusiasmam com a grandeza de um Deus global, e com o

propósito de um Rei soberano, impossível de ser detido. O primeiro grande missionário disse: “[...] viemos a receber graça e apostolado *por amor do seu nome*, para a obediência por fé, entre todos os gentios” (Rm 1.5, ênfase acrescida). Missões existem por causa do nome de Deus. Elas fluem do amor pela glória de Deus e pela honra de sua reputação. É uma resposta à oração: “Santificado seja teu nome!”.

Portanto, estou persuadido de que a visão de um grande Deus é a chave na vida de igreja, tanto no cuidado pastoral quanto na expansão missionária. Nosso povo precisa ouvir uma pregação permeada de Deus. Precisa de alguém, pelo menos uma vez por semana, que levante sua voz e exalte a supremacia de Deus. Precisa contemplar o panorama completo de suas excelências. Robert Murray M’Cheyne afirmou: “O que Deus abençoa não é tanto os grandes talentos, mas a grande semelhança a Jesus. Um ministro santo é uma arma terrível na mão de Deus”.<sup>1</sup> Em outras palavras, do que o povo precisa mais é da nossa santidade pessoal. Sim, e santidade humana nada mais é do que uma vida imersa em Deus – a sobrevivência de uma visão de mundo permeada de Deus.

O tema indispensável de nossa pregação é o próprio Deus, em sua majestade e verdade e santidade e justiça e sabedoria e fidelidade e soberania e graça. Com isto não pretendo dizer que não devemos pregar sobre os detalhes pequenos e sobre a importância de questões práticas como paternidade, divórcio, AIDS, glotonaria, televisão e sexo. O que quero dizer é que cada uma destas coisas deve ser trazida diante da santa presença de Deus e ali profundamente examinada quanto à sua teocentricidade ou impiedade.

A tarefa do pregador cristão não é dar ao povo conselhos moralistas ou psicológicos sobre como se dar bem no mundo. Qualquer outra pessoa pode fazer isto. Mas a maioria de nosso povo não tem ninguém no mundo que

lhes fale, semana após semana, sobre a suprema beleza e majestade de Deus. E muitos deles estão tragicamente famintos de uma visão centrada em Deus, como a do grande pregador Jonathan Edwards.

O historiador da igreja, Mark Noll, vê como uma tragédia que nestes dois séculos e meio desde Edwards, “[...] os evangélicos americanos, como cristãos, não têm qualquer conceito sobre a vida, a partir de seus níveis mais baixos até os mais altos, porque toda sua cultura deixou de tê-lo. A piedade de Edwards continuou na tradição reavivalista, sua teologia continuou no calvinismo acadêmico, mas não houve sucessores da sua cosmovisão teocêntrica ou da sua filosofia teológica profunda. O desaparecimento da perspectiva de Edwards da história cristã americana tem sido uma tragédia”.<sup>2</sup>

Charles Colson ecoa esta convicção: “A igreja ocidental – boa parte dela levada pela correnteza, aculturada, e infectada com graça barata – precisa desesperadamente ouvir o desafio de Edwards [...] É minha convicção que as orações e o trabalho dos que amam e obedecem a Cristo em nosso mundo ainda hão de predominar, ao manterem a mensagem de um homem como Jonathan Edwards”.<sup>3</sup>

A restauração da “cosmovisão teocêntrica” nos mensageiros de Deus seria causa de grande regozijo no país, razão para uma profunda ação de graças ao Deus que faz novas todas as coisas.

O material do capítulo 1 apareceu pela primeira vez sob a forma de estudos nas *Palestras sobre Pregação Harold John Ockenga*, Gordon-Conwell Theological Seminary, em fevereiro de 1988. O conteúdo do capítulo 2 foi apresentado, primeiramente, como *Palestras sobre Pregação Billy Graham Center*, no Wheaton College, em outubro de 1984. Este privilégio e esforço foram de maior lucro para mim do que para qualquer outra pessoa; agradeço aos líderes adminis-

trativos destas escolas, que depositaram sua confiança em mim e ampliaram minha própria compreensão do chamado sublime do pregador cristão.

Agradeço a Deus continuamente o não me ter deixado até agora, sem palavras, num domingo de manhã, nem sem o zelo de fazê-lo para sua glória. Ora, eu também tenho meus dias de mau humor. Minha família, com quatro filhos e uma esposa serena, não é uma família sem seus sofrimentos e lágrimas. Críticas podem doer como um nervo exposto, e o desânimo pode ser tão intenso a ponto de deixar este pregador paralisado. Mas é pelo dom da graça incomensurável e soberana que, excedendo todo deserto e toda inadequação, Deus abriu sua palavra para mim e me deu um coração capaz de saboreá-la e proclamá-la semana após semana. Nunca deixei de amar a pregação.

Na misericórdia de Deus há uma razão humana para tal. Charles Spurgeon sabia disso, e a maioria dos pregadores satisfeitos também sabe. Certa vez, Spurgeon foi interpelado sobre o segredo do seu ministério. Após uma pausa momentânea ele respondeu: “Meu povo ora por mim”.<sup>4</sup> Este é o motivo pelo qual estou sendo freqüentemente reavivado para o trabalho do ministério. Este foi o motivo pelo qual *Supremacia de Deus na Pregação* foi escrito. Meu povo ora por mim. A eles dedico este livro, com afeição e gratidão.

Minha oração é para que este livro possa mudar os corações dos arautos de Deus para o cumprimento desta grande admoestação apostólica:

“Se alguém fala, fale de acordo com  
os oráculos de Deus [...] na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”  
(1Pd 4.11)

*John Piper*

---

<sup>1</sup> Andrew Bonar, ed., *Memoir and Remains of Robert Murray McCheyne* (Grand Rapids: Baker Book House, 1978), 258.

<sup>2</sup> Mark Noll, “Jonathan Edwards, Moral Philosophy, and the Secularization of American Christian Thought”, *Reformed Journal* (Fevereiro, 1.983):26. Ênfase do autor.

<sup>3</sup> Charles Colson, “Introduction”, em *Jonathan Edwards, Religious Affections*, (Portland: Multnomah, 1.984), xxiii, xxxiv.

<sup>4</sup> Iain Murray, *The Forgotten Spurgeon* (Edimburgo: Banner of Truth, 1.966), 36.



PARTE 1

Porque Deus  
Deveria Ser Supremo  
na Pregação

## o alvo da pregação A GLÓRIA DE DEUS

Em setembro de 1.966 eu era um estudante da terceira série em véspera de exames finais, especializando-me em literatura no Wheaton College. Havia terminado um curso de Química na escola de verão, estava totalmente apaixonado por Noël e estava mais doente do que nunca, ou do que antes, com mononucleose. O médico me confinou no centro de saúde por três das semanas mais decisivas da minha vida. Foi um período pelo qual não cesso de agradecer a Deus.

Naquele tempo, o semestre de aulas do outono começava com a Semana de Ênfase Espiritual. O pregador, em 1.966, foi Harold John Ockenga. Foi a primeira e última vez que o ouvi pregar. WETN, a estação de rádio do estabelecimento de ensino superior, transmitia as mensagens, e eu escutava deitado em meu leito, a cerca de 200 metros do púlpito. Sob a pregação da Palavra pelo pastor Ockenga, o rumo da minha vida foi definitivamente mudado. Posso me lembrar de como senti meu coração quase explodindo de ansiedade, enquanto escutava – ansiando por conhecer e manusear a Palavra de Deus daquela maneira. Através daquelas mensagens, Deus me chamou para o ministério da Palavra, irrevogavelmente e (creio eu) irrevogavelmente. É minha convicção, desde

então, que a evidência subjetiva do chamado de Deus ao ministério da Palavra (citando Charles Spurgeon) “é um desejo intenso e completamente absorvente pelo trabalho”.<sup>1</sup>

Quando saí do centro de saúde, desisti de Química Orgânica, comecei a estudar Filosofia como matéria secundária, e me empenhei ao máximo para obter a melhor educação bíblica e teológica que pude. Vinte e dois anos mais tarde (nesta preleção, em 1.988), testifico que meu Senhor nunca me deixou duvidar deste chamado. Soa tão claro no meu coração como sempre soou. E simplesmente fico admirando a providência graciosa de Deus – salvando-me e chamando-me como servo da Palavra, e duas décadas mais tarde, deixando-me falar sob a insígnia das *Palestras sobre Pregação Harold John Ockenga*, no Gordon-Conwell Theological Seminary.

Isto, portanto, é um precioso privilégio para mim. Oro para que este seja um tributo aceitável ao doutor Ockenga, que nunca me conheceu – e, portanto, um testemunho ao fato de que o verdadeiro proveito de nossa pregação não será conhecido de nós, até que todos os frutos de todos os galhos em todas as árvores que brotaram de todas as sementes que semeamos tenham amadurecido, por completo, à luz da eternidade.

“Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Isaías 55.10-11).

Dr. Ockenga nunca soube o que a sua pregação fez em minha vida, e, se você for um pregador, pode tomar nota de que Deus irá ocultar de você muito dos frutos produzidos por ele através de seu ministério. Você verá o suficiente

para se assegurar da sua bênção, mas não tanto a ponto de fazer você pensar que poderia viver sem a mesma. Pois o alvo de Deus é glorificar a si mesmo e não o pregador. Isto nos leva ao tema principal: a supremacia de Deus na pregação. Seu esboço é intencionalmente trinitariano:

O alvo da pregação: *a glória de Deus*

A base da pregação: *a cruz de Cristo*

O dom da pregação: *o poder do Espírito Santo*

Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são o começo, o meio e o fim no ministério da pregação. As palavras do apóstolo tratam de todos os labores ministeriais, especialmente o da pregação: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente” (Rom 11.36).

O pregador escocês James Stewart disse que os alvos da pregação genuína são: “despertar a consciência através da santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purificar a imaginação através da beleza de Deus, abrir o coração para o amor de Deus, devotar a vontade ao propósito de Deus”.<sup>2</sup> Em outras palavras, Deus é o alvo da pregação, Deus é a base da pregação – e todos os recursos entre o alvo e a base são dados pelo Espírito de Deus.

Meu objetivo é pleitear a supremacia de Deus na pregação – que a nota dominante da pregação seja a liberdade da graça soberana de Deus; que o tema unificador seja o zelo que Deus tem para com a sua própria glória; que o objeto sublime da pregação seja o infinito e inexaurível ser de Deus, e que a atmosfera penetrante da pregação seja a santidade de Deus. E então, quando a pregação apresentar as coisas ordinárias da vida – família, trabalho, lazer, amizades, ou a crise de nossos dias – AIDS, divórcio, vícios, depressão, abusos, pobreza, fome e, o pior de tudo, povos do mundo não alcançados, estes assuntos não serão somente levantados. Serão elevados até Deus.

John Henry Jowett, que pregou por trinta e quatro anos na Inglaterra e nos Estados Unidos até 1.923, entendia que este era o grande poder dos pregadores do século dezanove, como Robert Dale, John Newman e Charles Spurgeon: “Eles sempre estavam prontos a parar numa janela da vila, mas sempre conectavam as ruas aos altos, e faziam as almas de seus ouvintes viajar por sobre os eternos montes de Deus [...] Precisamos, penso eu, recuperar esta nota de imensidão, esta sensação e sugestão sempre presentes do Infinito em nossa pregação”.<sup>3</sup> No início do século vinte e um, a necessidade desta recuperação é dez vezes maior.

Também não estou, aqui, propondo um tipo de preocupação rebuscada e elitista com pontos filosóficos ou intelectuais imponderáveis. Há certas pessoas do tipo estético que gravitam para cultos mais elevados, por não suportarem a “comédia vulgar” do culto evangélico. Spurgeon era tudo menos um elitista intelectual. Dificilmente existiu um pastor que fosse mais popular do que ele. Suas mensagens, no entanto, eram cheias de Deus e a atmosfera dos cultos onde pregava ficava carregada com a presença de realidades aterradoras. “Nunca teremos grandes pregadores”, disse ele, “até que tenhamos grandes teólogos”.<sup>4</sup>

Ele disse isto não porque se interessava mais por teologia do que por almas perdidas; ele se importava com uma porque amava as outras. Foi o mesmo com Isaac Watts, que viveu cem anos antes. Samuel Johnson disse a respeito de Watts, “Tudo o que ele tomava em suas mãos, por causa de sua incessante solicitude pelas almas, era convertido à teologia”.<sup>5</sup> Para mim, isto quer dizer, no caso de Watts, que ele relacionava todas as coisas com Deus, porque se preocupava com as pessoas.

Hoje Johnson, creio eu, comentaria o seguinte sobre muitas das pregações contemporâneas: “Tudo aquilo que o pregador toma em suas mãos, por causa de sua incessante

necessidade de relevância, é convertido em filosofia”. Nem os grandes alvos da pregação, nem o lugar digno da filosofia são honrados nesta perda do nervo teológico. Uma razão pela qual as pessoas, às vezes, colocam em dúvida a validade duradoura da pregação centrada em Deus é porque nunca escutaram algo parecido. J. I. Packer nos conta sobre a pregação de Dr. Martyn Lloyd-Jones que ele ouvia todo domingo à noite, na capela de Westminster, durante 1.948 e 1.949. Ele afirmou que nunca havia escutado tal pregação. Veio a ele com a força e a surpresa de um choque elétrico. Diz ele que Lloyd-Jones lhe trouxe “a percepção de Deus mais do que qualquer outro homem”.<sup>6</sup>

É isto que as pessoas tiram do culto hoje em dia – a percepção de Deus, a nota da graça soberana, o tema da glória panorâmica, o grandioso objeto do Infinito Ser de Deus? Entram eles uma hora por semana – o que não é uma expectativa exagerada na atmosfera da santidade de Deus que deixa seu aroma sobre as suas vidas a semana inteira?

Cotton Mather, que ministrou na Nova Inglaterra há 300 anos, afirmou: “O principal intento e finalidade do ofício do pregador cristão [é] restaurar o trono e o domínio de Deus nas almas dos homens”.<sup>7</sup> Isto não era floreado retórico. Foi uma conclusão exegética calculada e acurada de um dos grandes textos bíblicos que levam ao fundamento bíblico da supremacia de Deus na pregação. O texto por detrás da afirmativa de Mather é Romanos 10.14-15: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: ‘Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!’”. Segundo este texto, a pregação poderia ser definida como *a proclamação da boa nova por um mensageiro mandado por Deus* (“proclamação”